



Outubro Rosa



Mês da prevenção do cancro da mama. Este movimento nasceu nos Estados Unidos da América, na década de 90 do século passado. Pretende-se mobilizar a sociedade para a luta contra o cancro da mama.

A Liga Portuguesa Contra o Cancro (LPCC), em representação da EUROPA DONNA (Coligação Europeia Contra o Cancro da Mama) e através do Movimento “Vencer e Viver”, promove a iniciativa “Outubro Rosa” com a finalidade de consciencializar para a prevenção e diagnóstico precoce do cancro da mama, nomeadamente através do Rastreio, e divulgar informação e formas de apoio à mulher e família.

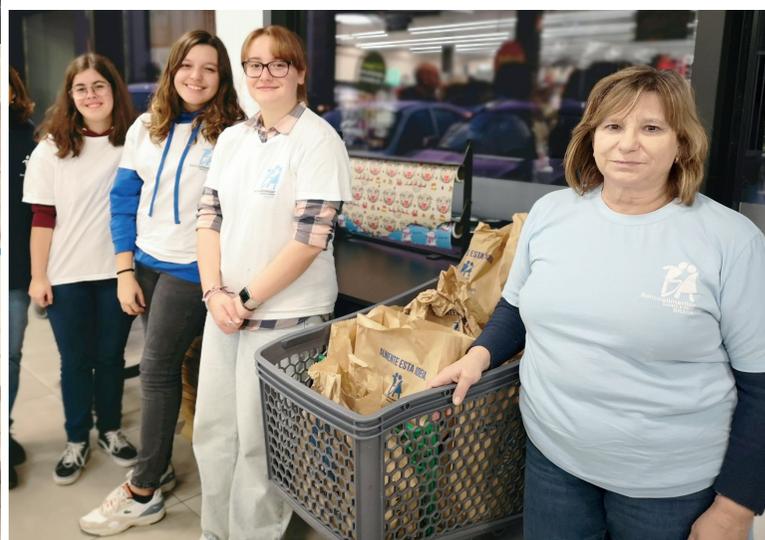
Durante o mês de outubro, a Liga Portuguesa Contra o Cancro desafia a comunidade a juntar-se ao movimento “Outubro Rosa”, propondo o desenvolvimento de iniciativas solidárias.

Este cancro tem muita incidência em todo o mundo, revelando-se um problema muito grave de saúde pública. Os dados estatísticos são arrasadores em todo o Mundo. Não sendo diferente em Portugal, estima-se que mais de 1500 mulheres morram por ano com esta doença.

Solidários com esta iniciativa e no sentido de sensibilizar a comunidade educativa para este problema, o Agrupamento de Escolas Carlos Amarante desenvolveu um variado leque de iniciativas na promoção de estilos de vida saudável e informações relevantes sobre esta doença.



Cabaz Solidário



Nos dias 26 e 27 de novembro de 2022, num supermercado de Braga, o Agrupamento de escolas Carlos Amarante participou em mais uma campanha solidária de apoio ao Banco Alimentar de Braga 2022.



Refugiados Climáticos



As alterações climáticas fazem parte dos temas mais abordados ultimamente e delas resultam muitas consequências, como os “Refugiados Climáticos”.

Os Refugiados Climáticos são pessoas forçadas a abandonar a sua terra

natal devido a alterações no clima. Estas alterações desencadeiam:

- Aumento do nível das águas do mar;
- Tempestades tropicais;
- Desertificação.

Devido a estas alterações, muitas pessoas perdem as suas casas e outros bens e têm de se des-

locar para locais mais seguros.

Os países que acolhem os refugiados climáticos também sofrem consequências:

- Grande quantidade de pessoas a entrar no país;
- Falta de infraestruturas suficientes para receber os refugiados;

Sendo assim, o aumento populacional repentino faz com que o acesso à saúde, ao saneamento, à segurança, à educação e ao emprego fique comprometido, podendo instalar-se a fome e a miséria, quer entre os migrantes, quer entre os moradores locais.

De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), cerca de 64 milhões de pessoas no mundo foram obrigadas a deslocar-se, em 2021.

Este número pode chegar a 1 milhar de milhão nos próximos 50 anos. Prevê-se que,

em 2030, metade do continente Africano deslocar-se-á devido a catástrofes naturais e às alterações do clima provocadas pelo Homem.

América Latina, Norte de África, África Subsariana, Europa Oriental e Ásia Central, Sul Asiático, Leste Asiático e Pacífico são as seis zonas que originam mais refugiados climáticos. Sendo a África Subsariana a mais afetada (<https://youtu.be/dcm7mLNiZZw>).

Uma das soluções para a redução do número de refugiados climáticos passa pela redução das emissões de gases com efeito de estufa, como o dióxido de carbono. A aposta nas energias limpas e renováveis, a redução do consumismo e a reutilização de materiais são algumas das sugestões que deixamos aos nossos leitores, pois é urgente o contributo de cada um para descarbonizar o ambiente e controlar o aumento da temperatura média do planeta Terra.

